



Percepção de estudantes universitários acerca de sua saúde mental e da contribuição extensionista em sua formação

Arturo de Pádua Walfrido Jordán^{1,2}, Maria Eduarda Barbosa Abrantes Santos^{1,3}, Bruno Rafael Batista Mendes^{1,4}, Karla Vaninna Araújo Ribeiro^{1,5}, Maria Eduarda Pereira Borges^{1,6}

Resumo: Projetos de extensão auxiliam a formação de estudantes de graduação e contribuem para o fortalecimento da responsabilidade social. Nesta perspectiva, o projeto "Chama a FPS" surgiu com o intuito de aproximar os estudantes de temas de saúde mental como bullying, violências, uso nocivo de álcool e outras drogas, ansiedade, depressão e suicídio. O presente estudo avaliou a saúde mental e o uso de álcool e outras drogas por estudantes extensionistas, assim como a percepção deles acerca da contribuição do projeto de extensão Chama a FPS em seu percurso acadêmico. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com metodologia qualitativa realizado com extensionistas de uma instituição de ensino superior em Recife-PE. Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário com informações sociodemográficas, formação acadêmica, hábitos de vida e a Escala de Ansiedade e Depressão Hospitalar (HAD), além de um roteiro de entrevista construídos pelos autores deste estudo. As entrevistas foram gravadas, transcritas sendo posteriormente analisadas e categorizadas segundo a proposta de Minayo. Participaram 27 universitários, a maioria do sexo feminino (62%), branca (59,3%), solteira (92,6%), e estudantes de Medicina (59,3%). As narrativas destacaram que houve mudanças significativas na formação dos envolvidos ao participarem do projeto de extensão, com ênfase na visão integral do sujeito. A percepção da responsabilidade social, atrelada ao projeto de extensão, aponta a relevância do estímulo a criação e manutenção deste tipo de formação que se ocupa com a preparação além da esfera profissional.

Palavras-chave: Transtornos Mentais; Ensino; Responsabilidade Social

Perception of university students of their mental health and the extensionist contribution to their education

Abstract: Extension projects help to train undergraduate students and contribute to strengthening social responsibility. In this perspective, the project "Chama a FPS" emerged to bring students closer to mental health issues such as bullying, violence, harmful use of alcohol and other drugs, anxiety, depression, and suicide. The present study evaluated mental health and the use of alcohol and other drugs by extension students, as well as their perception of the contribution of the 'Chama a FPS' (Call the FPS) extension project in their academic careers. This article is a descriptive and exploratory study with qualitative methodology conducted with extensionists from a higher education institution in Recife-PE. For data collection, a questionnaire with sociodemographic information, academic training, life habits, and the Hospital Anxiety and Depression Scale (HAD) was used, in addition to an interview script constructed by the authors of this study. The interviews were recorded, transcribed, and later analyzed and classified according to Minayo's proposal. The participants were 27 university students, primarily women (62%), white (59.3%), single (92.6%), and medical students (59.3%). The narratives highlighted significant changes in the education of those involved when participating in the extension project, emphasizing the integral view of the subject. The perception of social responsibility, related to the extension project, points out the relevance of the stimulus to the creation and maintenance of this type of training that is concerned with preparation beyond the professional sphere.

Keywords: Mental Disorders; Teaching; Social Responsibility

DOI: <https://doi.org/10.29327/2303474.15.2-3>

Originais recebidos em
10 de julho de 2022

Aceito para publicação em
21 de maio de 2024

1
Faculdade Pernambucana de Saúde –
FPS, Recife, Brasil

2
<https://orcid.org/0000-0002-2955-8302>
(autor para correspondência)
arturojordan@fps.edu.br

3
<https://orcid.org/0000-0002-0233-6099>
meabrantes2000@gmail.com

4
<https://orcid.org/0000-0002-3522-0797>
brafael013@gmail.com

5
<https://orcid.org/0000-0002-7795-6559>
karla_araujodsa@hotmail.com

6
<https://orcid.org/0000-0001-8852-2206>
enf.meduardaborges@gmail.com

Introdução

A OMS afirma que 90% dos suicídios podem ser prevenidos. Apesar disso, pouco se discute sobre o tema, em particular nas instituições de ensino, considerando-o ainda como um tabu na sociedade (Modelli, 2017). Existem altas taxas de mortalidade entre crianças e adolescentes, desta forma é importante que tanto educadores quanto os próprios estudantes adquiram o conhecimento sobre o assunto, para saberem qual a conduta mais adequada a ser tomada nesses casos (Braga & Dell'Aglio, 2013). A diminuição do interesse em atividades, faltas, queda no desempenho, envolvimento em brigas e outros tipos de violência, abuso de álcool e drogas e o *bullying* são alguns dos comportamentos suicidas que podem ser identificados no ambiente escolar e, conseqüentemente, abordados. Isso pode ser feito, por exemplo, através de uma rede de proteção fornecida e incentivada na própria escola que estimula rodas de conversas e apoio psicopedagógico (Rosa & Pinheiro, 2015).

Ao pesquisar a saúde mental de estudantes universitários de vários cursos de saúde, estudo recente identificou que o sofrimento psíquico dos estudantes é causado pela complexidade do objeto dos cursos, em particular o cuidado das pessoas e as responsabilidades advindas deste, além da dificuldade da inserção do futuro profissional de saúde no mercado de trabalho (Gaiotto et al., 2021). Neste sentido, recente revisão sistemática demonstrou que estudantes de medicina tem desenvolvido cada vez mais transtornos mentais como estresse, ansiedade e depressão, podendo levar até ao suicídio. Os estudos atribuem este processo ao surgimento, durante o curso, de sentimento de culpa, medo de errar, jornadas exaustivas de aulas teóricas e práticas, além do estresse e piora da qualidade de vida (Conceição et al., 2019).

Associado aos transtornos mentais deste público, estudo realizado em uma universidade de Minas Gerais avaliou o uso de drogas entre estudantes dos vários cursos de graduação, identificando uma prevalência relevante e preocupante. Dos 198 estudantes da área de ciências biológicas do primeiro ano, 146 usavam álcool, 63 tabaco e 51 maconha e, dos 140 estudantes do último ano, 122 usavam álcool, 61 tabaco e 55 maconha. Os autores atribuíram esta alta prevalência às mudanças significativas que ocorrem na vida do estudante, relacionadas aos desafios sociais, afetivos e cognitivos induzidas pelo curso (Pereira et al., 2020).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 2,5 milhões de pessoas morrem a cada ano no mundo devido ao consumo excessivo de álcool (Brito, 2017). Além disso, a literatura traz que o álcool é uma das principais causas envolvidas em mortes por acidentes de trânsito. No Brasil o uso precoce de álcool e outras drogas vêm crescendo de forma alarmante (Marques & Cruz, 2000). Esse dado é importante, pois se sabe que quanto mais cedo os adolescentes começarem a ingerir drogas mais dependentes podem ficar. Além disso, das drogas ilícitas, identifica-se que maconha, *crack* e cocaína são as mais usadas pelos jovens (Marques & Cruz, 2000).

Neste sentido, estudantes de cursos de graduação de uma faculdade em Recife-PE, conjuntamente com um docente da instituição, resolveram criar um projeto de extensão e responsabilidade social que pudesse promover uma interação salutar, propositiva e formativa com a sociedade, enquanto auxilia na formação dos estudantes. Este movimento está de acordo com as propostas de curricularização da extensão, preconizadas pelo Plano Nacional de Educação, referentes ao período 2014-2024, assim como a inserção da extensão como parte constituinte dos Projetos Pedagógicos preconizado pela Política Nacional de extensão levando a uma atuação dialógica e com transformação social, defendidas e aplicadas pela instituição (Steigleder et al., 2019).

Nasce então, o projeto de extensão "Chama a FPS", que tem o objetivo de ministrar capacitação sobre violência, *bullying*, uso e abuso de álcool e outras drogas, suicídio na adolescência e Suporte Básico de Vida (SBV), tendo como público-alvo adolescentes de 1º e 3º anos do Ensino Médio de escolas públicas estaduais do Recife-PE.

O “Chama a FPS” teve como objetivos específicos, promover capacitação teórica em violência, *bullying*, uso e abuso de álcool e outras drogas, e suicídio na adolescência, para que os estudantes extensionistas do projeto pudessem atuar como monitores e trabalhar esses temas com os estudantes do 1º e 3º anos do ensino médio da rede pública estadual (Jordán, 2020). Para este fim, foram utilizadas estratégias educacionais, como oficinas pedagógicas, rodas de diálogo, protagonismo dos estudantes, estímulo a autorregulação e prática em cenários reais.

O projeto de extensão realizado nas escolas foi desenvolvido perfazendo ciclos de 8 semanas com encontros semanais, por turma, totalizando 4 turmas. Cada turma era composta por uma média de 60 estudantes do ensino médio com horário cedido pela escola para a atividade extensionista. Importante salientar que, além destes encontros nas escolas, foram realizadas oficinas com os discentes de graduação do projeto para capacitação destes em metodologias ativas de ensino, assim como atualização em tópicos relacionados à saúde mental para subsidiar os momentos com os adolescentes. O processo formativo dos graduandos era realizado por cinco docentes e as ações nas escolas acompanhadas por dois docentes da faculdade promotora do projeto de extensão.

O presente estudo teve como objetivo avaliar a saúde mental e o uso de álcool e outras drogas por estudantes extensionistas, assim como a percepção deles acerca da contribuição do projeto de extensão Chama a FPS em seu percurso acadêmico.

Método

Trata-se de um estudo exploratório, de corte transversal, com metodologia qualitativa. O estudo foi realizado entre julho e dezembro de 2020, contemplando todos os 27 estudantes dos cursos de Medicina, Enfermagem, Nutrição, Farmácia e Psicologia, que participaram como extensionistas no ano de 2019 do projeto e que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: participaram do projeto de extensão e responsabilidade social “Chama a FPS” na sua edição de 2019 na Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS) em Recife-PE, devidamente matriculados em algum dos cursos naquele ano. Como critérios de exclusão foram utilizados os seguintes: ser coordenador discente do projeto ou autor/coautor do presente estudo.

Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário com informações sociodemográficas, formação acadêmica, hábitos de vida e a Escala de Ansiedade e Depressão Hospitalar (HAD), que possui 14 itens, dos quais sete são voltados para a avaliação da ansiedade (HADS-A) e sete para a depressão (HADS-D) (Botega et al., 1995), além de um roteiro de entrevista construídos pelos autores deste estudo. Escolheu-se o HAD para avaliar sintomas sugestivos de ansiedade e depressão devido à fácil aplicação e boa sensibilidade (70,8% a 80,6%) e especificidade (69,6% a 90,9%) quando comparada à Escala de Ansiedade de Beck (EAB) e à Escala de Depressão de Beck (EDB), ambas consideradas padrão-ouro.

As entrevistas com os participantes foram previamente agendadas após contato telefônico ou presencial na faculdade. Todas as entrevistas foram gravadas e realizadas em local calmo na própria faculdade, sem interferências de terceiros. Foram realizadas a transcrição das falas com posterior categorização e análise de conteúdo segundo a proposta de Minayo (2017), sem a utilização de *softwares*, seguindo as etapas de pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação (Minayo et al., 2007).

O estudo seguiu todos os padrões éticos preconizados pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovado pelo CEP da FPS pelo parecer de número 3.557.335.

Resultados e Discussão

O estudo contemplou 27 sujeitos com média de idade de 23,7 anos, sendo 17 (62,96%) do sexo feminino, 16 (59,25%) brancos, 25 (92,59%) solteiros, 14 (51,85%) católicos e renda mensal de mais de 8 salários-mínimos em 18 (66,66%) do total.

A respeito da formação acadêmica, foram identificados 16 (59,25%) cursando Medicina, 6 (22,22%) Enfermagem, 2 (7,4%) Psicologia, 2 (7,4%) Nutrição e 1 (3,7%) Farmácia. Destes, 3 (11,11%) possuíam outra graduação, sendo 1 com bacharelado em Direito, 1 em Recursos Humanos e 1 em Educação Física. Sobre hábitos de vida, 18 (66,66%) referiram usar bebida alcoólica, 1 (3,7%) fumava e 12 (44,44%) usavam drogas ilícitas.

A respeito de aspectos relacionados à saúde mental, 19 (70,37%) estudantes responderam que não tiveram vontade de cometer suicídio, 6 (22,2%) tiveram vontade, 25 (92,59%) já presenciaram algum tipo de violência e 2 (7,4%) não presenciaram.

Em relação aos aspectos relacionados à saúde mental avaliados pela HAD, usando o ponto de corte maior ou igual a 9 (Botega et al., 1995), foram identificados 14 (51,85%) estudantes com sintomas relacionados à ansiedade e 4 (14,81%) com sintomas relacionados à depressão.

Para a categorização e discussão das entrevistas, foram utilizados 12 do total de 27 sujeitos, visto que a inclusão de mais estudantes não acrescentaria informações novas e relevantes, segundo os critérios de saturação (Minayo, 2014). Neste sentido, o conteúdo das entrevistas foi categorizado em: visão integral do sujeito, abordagem da saúde mental como responsabilidade social, importância da abordagem da saúde mental em estudantes do ensino médio e contribuições do projeto no percurso acadêmico.

Os dados sociodemográficos identificados estão de acordo com o estudo realizado em um Centro Universitário no Ceará com amostra de 476 estudantes e objetivos semelhantes, que identificou em sua maioria o sexo feminino (71,6%), solteiras (92%), tendo 53,4% relatado ingerir bebidas alcoólicas e 96,8% não fumar (Leão et al., 2018). Outro estudo com objetivos semelhantes, realizado em um Centro Universitário no Acre com amostra de 80 estudantes, identificou idade média de 22,05 anos, 65% do sexo feminino e 79% solteiros (Santiago et al., 2021).

A respeito da ideação suicida, o presente estudo identificou um índice alto (22,2%) quando comparado a outro desenvolvido com estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso, que identificou que 9,9% de 637 estudantes apresentaram tal ideação (Santos et al., 2017). Possivelmente, o índice encontrado no presente estudo tenha sido alto, devido ao número consideravelmente menor da amostra em relação ao de Mato Grosso. No entanto, serve de importante alerta para os responsáveis pelo cuidado destes estudantes.

Ademais, foram identificados estudantes com sintomas de ansiedade e depressão de forma semelhante ao encontrado na literatura científica. Em 2018 no Ceará foi identificado uma prevalência de depressão em 28,6% dos estudantes de um centro universitário, variando de 15% em estudantes de Enfermagem a 35,7% em estudantes de Fisioterapia. Da mesma forma, em relação à ansiedade, foi identificado uma prevalência de 36,1% estudantes, variando de 25,9% em Medicina a 52,4% em Fisioterapia (Leão et al., 2018).

Além disso, sabe-se que sintomas relacionados à ansiedade e à depressão em estudantes de graduação podem ser justificados pelas demandas relacionadas à própria formação acadêmica, com suas responsabilidades, atribuições e modificações relacionadas à qualidade de vida. Uma revisão sistemática abrangendo o período de 2005 a 2019, analisando um total de 37 artigos, corrobora com o descrito no presente estudo, e acrescenta que a necessidade de desenvolvimento de novas habilidades, inserção em novo meio social, e tentativa de

manter relacionamentos afetivos anteriores, também são fatores geradores de ansiedade para este público (Soares et al., 2021).

O presente estudo identificou um alto índice de uso de álcool e outras drogas, corroborando com um estudo realizado em São Paulo em uma universidade particular envolvendo 165 estudantes de diversos cursos de graduação, que demonstrou que a pessoa com altos índices de estresse têm 3,7 vezes maiores chances para consumo abusivo do álcool e 2,3 vezes mais chances de usar drogas que os sujeitos com baixo estresse (Ferro et al., 2019). Estudo realizado na Universidade de São Paulo, de natureza longitudinal com seguimento de 6 meses, demonstrou que o consumo de álcool e suas consequências estão correlacionados com a ansiedade (Silva & Tucci, 2018).

Visão integral do sujeito

O presente estudo, a partir da análise das experiências relatadas pelos participantes, identificou aspectos relacionados a visão integral do sujeito, assim como a importância de uma proposta educacional voltada para este fim. Isso pode ser visto nos registros das abordagens realizadas com respeito a complexidade do estudante alvo da intervenção, assim como o desenvolvimento de habilidades necessárias para uma promoção da saúde integral.

“a gente mudou um pouco a nossa visão, fez uma apresentação bem diferente, se aprofundou um pouco mais no tema, entendendo não só as consequências das drogas, mas o que leva a aquilo, como aquilo impactou na vida das pessoas, dos alunos, dos familiares etc.

[...] eu acho que essa parte de você olhar para a pessoa mesmo, em si, não só para a doença, é... ajuda bastante tanto na minha formação, quando... como eu for... quando eu for um profissional, né.” (P1)

“a gente começa a tentar olhar para o ser humano de uma maneira mais individualizada, mas entendendo esse contexto geral que ele vive.” (P5)

No que condiz ao modelo educacional brasileiro, vem se fortalecendo a prática da educação integral. Este modelo considera a visão integral do sujeito, reconhecendo-o como um ser completo e multifacetado (Freire & Pestana, 2014). Diante disso, para poder de fato promover uma emancipação desse sujeito multidimensional, faz-se necessária a ampliação dos espaços de educação para além das escolas, incluindo aspectos culturais, sociais e articulações com outras entidades (Vilas Boas & Abbiati, 2020).

Essa visão integral do ser não se aplica somente no âmbito educacional, como também deve ser adotada ao nível de promoção de saúde, pelos profissionais [atuais e futuros] desta área, de acordo com o princípio da integralidade do Sistema Único de Saúde (Silva & Baptista, 2015).

Abordagem da saúde mental como responsabilidade social

A presente pesquisa identificou uma percepção de responsabilidade social importante dos sujeitos. Alguns ratificaram a importância da abordagem dos temas do projeto nas escolas do ensino médio, considerando como um serviço social ou até uma democratização do ensino recebido na faculdade.

“E eu acho que é muito importante, porque além de intervir na vida desses estudantes, a gente também tá prestando um serviço social, né, que pode atingir muito mais gente do que aquela galera que tá contida só naquela sala [...] que ele venha a ter uma relação diferente com os professores, com o pessoal que trabalha na escola, com alguém que ele encontre na rua, na roda de amigos que não necessariamente estudam com ele.” (P4)

“Eu acho que... que tem uma, um chamado muito social, muito educativo, que uma população muitas vezes não tem acesso às informações e aos questionamentos que a gente está levando. Então isso me atraiu de alguma forma, de poder participar de uma é... eu acho que de uma democratização desse conhecimento e de um conhecimento... realmente... sabe.” (P3)

Com os movimentos sociais e a reforma psiquiátrica brasileira, houve uma maior atenção à saúde mental infanto-juvenil (Togni, 2016). Apesar de certo atraso nesta medida, nota-se avanços importantes no conhecimento e prática neste campo da saúde. Dentre esses avanços, tem-se a educação de jovens adolescentes em temas relacionados à saúde mental (Braga & D’Oliveira, 2019). Esta abordagem educacional pode, de certa forma, ser considerada parte de uma responsabilidade social, em especial, dos estudantes e profissionais de saúde, pois consolida a luta por melhores condições nos serviços de cuidados mentais, além de aliviar e prevenir sofrimento psíquico nestes jovens. Isto pode ser inferido também através da análise da visão dos participantes dessa amostra, em que falam desta intervenção como uma responsabilidade social.

Importância da abordagem da saúde mental em estudantes de ensino médio

O aprendizado e a relevância do ensino a respeito de saúde mental foram positivamente percebidos pelos estudantes, trazendo reflexões interessantes que podem ser identificadas nas seguintes falas:

“Eu acho que sim. Porque como eu disse, é um assunto que não é conversado com todo mundo, então quando a gente faz aquele grupo, reúne todo mundo, as pessoas se sentem bem em falar suas experiências.” (P11)

“São temáticas que acontecem muito, tão no dia a dia deles o tempo inteiro e muitas vezes eles não sabem como agir, o que pensar. E eu acho que a gente indo lá nas escolas e falando um pouco, eles se sentem mais abertos, mais cientes.” (P8)

A prevalência mundial de distúrbios mentais em crianças e adolescentes é de aproximadamente 13,4%. No entanto, uma minoria destes busca ajuda profissional para lidar com o sofrimento psíquico (Lanfredi et al., 2019). O estigma social é um dos principais motivos para esse atraso na procura do serviço de saúde, além do pouco conhecimento desses jovens sobre saúde mental (Milin et al., 2016).

A escola pode ser um local que contribui para esta realidade, uma vez que, em seu contexto, pode apresentar estigmas relacionados a qualquer desordem ou sofrimento psíquico, ao promover um ambiente de infelicidade, estresse e desesperança (Lanfredi et al., 2019). Nota-se o grande impacto das relações escolares na saúde mental dos jovens quando se reconhece que o contexto escolar exerce forte influência sobre o adolescente, ditando, em parte, a forma como lida com o mundo (O’Reilly et al., 2018). Além do mais, a falta de conhecimento sobre temas de saúde mental resulta em maior estigma e preconceito quanto a esses agravos, além de dificultar a busca por ajuda. Evidências mostram que mais conhecimento sobre o assunto resulta em atitudes mais positivas em relação às doenças mentais, além de melhorar a compreensão do próprio jovem quanto àquilo que lhe causa sofrimento (Lanfredi et al., 2019).

Diante disso, a criação de um ambiente escolar acolhedor e livre de estigmas como *bullying*, depressão, suicídio, entre outros, é comprovadamente uma das principais formas de melhorar as condições da saúde mental nos adolescentes. Neste contexto, mais conhecimento acerca do tema de saúde mental, juntamente ao apoio da comunidade que cerca o jovem, previne o aparecimento destes transtornos, facilita a busca por ajuda, e consequentemente, favorece a detecção precoce e tratamento desses agravos (Lanfredi et al., 2019; Milin et al., 2016).

Contribuições do projeto no percurso acadêmico

Aprender a saber é atualmente ter um propósito e, ao mesmo tempo, conhecer os meios para atingi-lo. É de fundamental importância esse parâmetro, uma vez que é essencial a ampla compreensão do mundo em que vivemos, como meio de desenvolvimento das habilidades profissionais e de comunicação, além de ter grande papel na formação da dignidade do ser humano (Delors & Unesco, 1996).

Pode-se constatar as contribuições do que prega esse pilar nas narrativas dos estudantes transcritas abaixo:

“Assim, é como se a gente começasse a enxergar de outra forma. Lógico que, assim, eu já tinha... já conhecia algumas histórias, assim, relacionadas a... ao bullying, à violência em si e álcool também, mas a gente vê aquelas crianças... que não são mais. Adolescentes, né? Relatando situações muito fortes, a gente vendo depoimentos, como a gente viu de uma menina, sofria bullying por anos, já era o terceiro ano. Ela estava ali, é, colocando para fora tudo o que sentia.” (P2)

(Em relação a contribuição na formação) “Com certeza! Além de conhecimento prévio, a gente teve que estudar para passar conhecimento para os meninos da escola e levou a gente a ter mais conhecimento sobre os assuntos que iríamos abordar. (P9)”

O aprender a conhecer se relaciona com a forma como o estudante vai adquirir o conhecimento, sendo preparado para a utilização destes em seus projetos e, de forma complementar, o aprender a fazer relaciona-se com a prática do conhecimento que foi adquirido anteriormente. Aplicar esse conhecimento de forma qualificada e competente, de forma a aprimorar as próprias habilidades, é a base desse pilar (Delors & Unesco, 1996).

A complementação dos dois pilares (Aprender a saber e aprender a fazer) foi observada no presente estudo, como podemos constatar nas falas dos alunos abaixo:

(Sobre a prática profissional) “Então na vida profissional não vai ser diferente, porque quando a gente vê situações de tudo o que a gente abordou, a gente se posiciona. Então, eu acho que isso fez eu refletir o quanto eu não me posicionava e enquanto eu não refletia sobre esses assuntos.” (P10)

“Eu vou saber o que falar, né. Eu vou saber como lidar com aquela situação ali, o que falar, como falar, é... com a determinada pessoa que está com aquele problema, seja com suicídio, com drogas, tudo, questões até de violência.” (P6)

Um dos maiores desafios encontrados atualmente no processo educacional toma forma no pilar chamado aprendendo a conviver. Esse pilar tem como pressuposto básico estimular uma vida mais harmoniosa, mais social, criando espaço para a exploração das relações entre seres humanos e na compreensão destes frente ao mundo (Neves et al., 2016).

Os modelos de aprendizagem devem ser baseados na descoberta do outro e no respeito a sua integralidade e diversidade. A extensão pode contribuir neste processo. Estudo publicado em 2020 a respeito de um projeto de extensão realizado na Universidade Federal de Alagoas demonstrou como a interação entre os pares com troca de saberes constante, o estímulo à interdisciplinaridade e interprofissionalidade é parte importante da construção do futuro profissional de saúde para o trabalho em equipe (Santana & Da Silva, 2020).

O processo educacional, para ser eficiente e de qualidade, deve respeitar o ser humano em toda sua complexidade e diversidade, em ambos os campos físico e espiritual. Tendo em vista essa noção de pluralidade do ser humano, o pilar aprender a ser preconiza que a preparação e o processo de aprendizagem devem considerar todos os aspectos que fazem uma pessoa ser o que é. O respeito a esse pressuposto possibilita a formação de profissionais com maior autonomia, capacidade e juízo de valor para que possam tomar decisões que beneficiem a sociedade nos diversos desafios que irão se deparar ao longo da vida (Delors & Unesco,

1996). Esse pilar tenta resgatar a própria essência do ser humano, visando seu desenvolvimento de forma completa.

“A gente tá tão preocupado em estar no técnico, técnico, técnico, que a gente esquece um pouco que a gente também tem que evoluir no sentido de contato humano, social, e entender o outro dentro da sua integralidade, não só dentro da sua fisiopatologia.” (P5)

“Sim, porque, por mais que na psicologia a gente já tenha trabalhado nessas temáticas, fazer parte do projeto e levar isso para as escolas agrega de uma forma diferente e também poder trocar com pessoas de outros cursos, que traz também outra visão que eles conheciam...então a gente acaba compartilhando e aprendendo de novo também. (P12)”

A junção das quatro dimensões do aprender, assim, contribui para que o egresso, tanto na condição de gestor, quanto na de técnico, possa exercitar melhor o saber viver juntos, o que culminará com o saber ser.

Conclusão

O estudo identificou uma parcela significativa dos sujeitos com sintomas relacionados a ansiedade e depressão, além do uso de álcool e drogas ilícitas. Apesar de ser um estudo qualitativo em sua essência, estas informações devem ser vistas como um sinal de alerta na instituição.

Os estudantes estão frequentemente envolvidos em situações estressantes, envolvendo o adoecimento em seus aspectos físico, mental e social, além de estarem em contato direto com realidades diferentes das suas, e desta forma, sem o devido cuidado, podem vir a desenvolver algum transtorno mental incluindo o uso de drogas lícitas e ilícitas para seu alívio.

Foi identificado também, que os estudantes valorizaram todo o percurso formativo no projeto ‘Chama a FPS’. Neste sentido, várias falas corroboram com o alcance pedagógico da formação incluindo projetos de extensão, em particular no seu âmbito social. A consciência social dos extensionistas foi despertada de forma que dificilmente será esquecida, permitindo assim uma visão integral da sociedade nos futuros profissionais de saúde.

Neste sentido, os valores atrelados ao aprender a saber, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, ganham mais brilho, pois os extensionistas demonstraram que passaram por momentos de muita aprendizagem que pode contribuir, não só na sua formação profissional, mas também na formação enquanto pessoa.

Agradecimentos

Os autores agradecem a todos os docentes e discentes do departamento de extensão e responsabilidade social da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS) pelo incentivo permanente e trocas de saberes proporcionados em todos os momentos de interação.

Contribuição de cada autor

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A.P.W.J., K.V.A.R., M.E.P.B., M.E.B.A.S., e B.R..B.M. contribuíram com: ideias, formulação ou desenvolvimento da proposta geral e objetivos do estudo (conceitualização), condução dos processos da pesquisa, participação na coleta de dados, ou realização dos experimentos (investigação); formulação do design metodológico (metodologia), redação e/ou apresentação do trabalho submetido

especificamente no que se refere à redação do rascunho inicial (redação – preparação), e preparação, criação ou apresentação do trabalho submetido, especialmente quanto à visualização e apresentação dos dados. A.P.W.J. contribuiu ainda com: gerenciamento e coordenação do planejamento e execução das atividades de pesquisa, ideias (administração do projeto); preparação, criação ou apresentação do trabalho submetido, especialmente quanto à revisão textual e conceitual do manuscrito pelos membros do grupo original (redação – revisão e edição) e responsabilidades de supervisão e liderança das atividades de planejamento e execução da pesquisa (supervisão).

Referências

- Botega, N. J., Bio, M. R., Zomignani, M. A., Garcia Jr, C., & Pereira, W. A. B. (1995). Transtornos do humor em enfermaria de clínica médica e validação de escala de medida (HAD) de ansiedade e depressão. *Revista de Saúde Pública*, 29(5), 359–363. <https://doi.org/10.1590/s0034-89101995000500004>
- Braga, C. P., & D’oliveira, A. F. P. L. (2019). Child and adolescent mental health policy: History and paths to participation. *Ciência e Saúde Coletiva*, 24(2), 401–410. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018242.30582016>
- Braga, L. D. L., & Dell’Aglío, D. D. (2013). Suicídio na adolescência: Fatores de risco, depressão e gênero. *Contextos Clínicos*, 6(1), 2–14. <https://doi.org/10.4013/ctc.2013.61.01>
- Brito, D. (2017). *Guia alerta sobre consumo precoce de bebidas alcoólicas entre jovens*. <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/guia-alerta-sobre-consumo-precoce-de-bebidas-alcoolicas-entre-jovens-2/>
- Conceição, L. de S., Batista, C. B., Dâmaso, J. G. B., Pereira, B. S., Carniele, R. C., & Pereira, G. dos S. (2019). Saúde mental dos estudantes de medicina brasileiros: Uma revisão sistemática da literatura. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 24(3), 785–802. <https://doi.org/10.1590/s1414-40772019000300012>
- Da Silva, P. F. A., & Baptista, T. W. F. (2015). A Política Nacional de Promoção da Saúde: texto e contexto de uma política. *Saúde Em Debate*, 39(spe), 91–104. <https://doi.org/10.5935/0103-1104.2015S005327>
- Delors, J., & Unesco. International Commission on Education for the Twenty-first Century. (1996). Learning, the treasure within: Report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century. Paris: Unesco Pub. <https://search.worldcat.org/pt/title/learning-the-treasure-within-report-to-unesco-of-the-international-commission-on-education-for-the-twenty-first-century/oclc/36556943>
- Dos Santos, H. G. B., Marcon, S. R., Espinosa, M. M., Baptista, M. N., & De Paulo, P. M. C. (2017). Factors associated with suicidal ideation among university students. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 25, e2878. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.1592.2878>
- Ferro, L. R. M., Trigo, A. A., Oliveira, A. J., De Almeida, M. A. R., Tagava, R. F., Meneses-Gaya, C., & Rezende, M. M. (2019). Estresse percebido e o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários. *Saúde e Pesquisa*, 12(3), 573. <https://doi.org/10.17765/2176-9206.2019v12n3p573-581>
- Freire, S., & Pestana, P. (2014). Afinal, o que é Educação Integral? *Revista Contemporânea de Educação*, 9(17), 24–41. <https://doi.org/10.20500/rce.v9i17.1713>
- Gaiotto, E. M. G., Trapé, C. A., Campos, C. M. S., Fujimori, E., de Almeida Carrer, F. C., Nichiata, L. Y. I., ... & Soares, C. B. (2021). Response to college students’ mental health needs: A rapid review. *Revista de Saúde Pública*, 55. <https://doi.org/10.11606/S1518-8787.2021055003363>
- Jordán, A. P. W. (2020). *Curadoria de conteúdo para Projetos de Extensão e Responsabilidade Social: Projeto Chama a FPS* (Vol. 1, p. 10). Recuperado de <https://www.fps.edu.br/uploads/downloadsuploads/curadoria-de-conteudo-chama-fps.pdf>

-
- Lanfredi, M., Macis, A., Ferrari, C., Rillosi, L., Ughi, E. C., Fanetti, A., ... & Rossi, R. (2019). Effects of education and social contact on mental health-related stigma among high-school students. *Psychiatry Research*, 281. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2019.112581>
- Leão, A. M., Gomes, I. P., Ferreira, M. J. M., & Cavalcanti, L. P. de G. (2018). Prevalência e fatores associados à depressão e ansiedade entre estudantes universitários da área da saúde de um grande centro urbano do Nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 42(4), 55–65. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v42n4rb20180092>
- Marques, A. C. P. R., & Cruz, M. S. (2000). O adolescente e o uso de drogas *Ana. Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22(c), 32–36. <https://doi.org/10.1590/S1516-4446200000600009>
- Milin, R., Kutcher, S., Lewis, S. P., Walker, S., Wei, Y., Ferrill, N., & Armstrong, M. A. (2016). Impact of a mental health curriculum on knowledge and stigma among High School students: A randomized controlled trial. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 55(5), 383-391.e1. <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2016.02.018>
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec.
- Minayo, M. C. S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: Consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa (São Paulo)*, 5(7), 140–158.
- Minayo, M. C. S., Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2007). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. 25. ed., Vol. 1. Petrópolis: Vozes.
- Modelli, L. (2017). *Suicídio: Como falar sobre o ato sem promovê-lo* - BBC Brasil. <http://www.bbc.com/portuguese/geral-39714347>
- Neves, V. N. S., Prestes, E. M. T., Sabino, R. N., Silva, M. L. N., & De Barros, A. G. (2016). Four Pillars Of education for the twenty-first century in the continuing education of health professionals. *Journal of Nursing UFPE On Line*, 10, 3524–3530. <https://doi.org/10.5205/reuol.9681-89824-1-ED.1004sup201603>
- O'Reilly, M., Svirydzenka, N., Adams, S., & Dogra, N. (2018). Review of mental health promotion interventions in schools. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 53, 647-662. <https://doi.org/10.1007/s00127-018-1530-1>
- Pereira, A. R., Pontual, A. A. de D., Santos, J. L. F., & Corradi-Webster, C. M. (2020). Uso de drogas entre universitários de uma Universidade Federal de Minas Gerais. *Revista Valore*, 5, e-5023. <https://doi.org/10.22408/rev502020434e-5023>
- Rosa, W., & Pinheiro, S. (2015). *Comportamento suicida na escola para pais e mestres*. 1. ed. São Paulo: All Print.
- Santana, D. C., & Da Silva, M. R. (2020). A percepção de estudantes da área da saúde sobre o trabalho interdisciplinar: Experiência no projeto de extensão Sorriso de Plantão. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 11(1), 13–24. <https://doi.org/10.36661/2358-0399.2020v11i1.10753>
- Santiago, M. B., Braga, O. S., Da Silva, P. R., Capelli, V. M. R., & Da Costa, R. S. L. (2021). Índices de depressão, ansiedade e estresse entre estudantes de enfermagem e medicina do Acre. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 10(1), 73. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpdsv10i1.3374>
- Silva, É. C., & Tucci, A. M. (2018). Correlação entre ansiedade e consumo de álcool em estudantes universitários. *Psicologia - Teoria e Prática*, 20(2), 107–119. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v20n2p107-119>
- Soares, A. B., Monteiro, M. C. L. M., & Santos, Z. D. A. (2021). Revisão Sistemática da Literatura sobre Ansiedade em Estudantes do Ensino Superior. *Contextos Clínicos*, 13(3), 992–1012. <https://doi.org/10.4013/ctc.2020.133.13>
- Steigleder, L. I., Zucchetti, D. T., & Martins, R. L. (2019). Trajetória para Curricularização da Extensão Universitária: Contribuições do Fórum Nacional de Extensão das Universidades Comunitárias - FOREXT e a Definição de Diretrizes Nacionais. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 10(3), 167–174. <https://doi.org/10.36661/2358-0399.2019v10i3.10916>
-

Togni, L. (2016). *Saúde Mental Infantojuvenil-História, perspectivas e desafios contemporâneos*. In *Anais do Congresso Internacional de Saúde Mental*, 13, Irati, 2016. Irati: Unicentro. Recuperado de <https://anais.unicentro.br/cis/pdf/iiiv3n1/413.pdf>

Vilas Boas, M. L., & Abbiati, A. S. (2020). A educação (em tempo) integral no Brasil: Um olhar sobre diferentes experiências. *Revista on Line de Política e Gestão Educacional*, 24(3), 1573–1597. <https://doi.org/10.22633/rpge.v24i3.13545>

Como citar este artigo:

Jordán, A. P. W., Santos, M. E. B. A., Mendes, B. R. B., Ribeiro, K. V. A., & Borges, M. E. P. (2024). Percepção de estudantes universitários acerca de sua saúde mental e da contribuição extensionista em sua formação. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 15(2), 145-155.
